

O OLHAR DO TURISMÓLOGO PARA OS RISCOS À SAÚDE DOS TURISTAS: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO DA UFF¹

Autor:

Vanina Heidy Matos Silva – Universidade Federal Fluminense/UFF²

Co-autores:

Cátia Pereira dos Santos – Universidade Federal Fluminense/UFF³

Diogo Jorge – Universidade Federal Fluminense/UFF⁴

Filipe Eloy – Universidade Federal Fluminense/UFF⁵

Gabriela Brandão – Universidade Federal Fluminense/UFF⁶

Kelly Faria – Universidade Federal Fluminense/UFF⁷

Luciana Bolzan – Universidade Federal Fluminense/UFF⁸

Natalia Hunstock – Universidade Federal Fluminense/UFF⁹

Natália Pacheco Júnior – Universidade Federal Fluminense/UFF¹⁰

Vanessa da Conceição Gomes – Universidade Federal Fluminense/UFF¹¹

Resumo

Esse trabalho apresenta a experiência do Curso de Graduação em Turismo da UFF, na qual alunos de graduação identificaram com o olhar de turismólogo quais seriam os riscos à saúde dos turistas. Para tanto, fotografaram pontos turísticos das cidades do Rio de Janeiro, Niterói e interior, por onde estiveram nos meses de março e abril de 2008, e analisaram os riscos à saúde do turista que visita o local da foto. Os principais riscos apontados foram acidentes, transmissão de dengue, infecção alimentar, contaminação com água e areia poluída, lixo exposto e insolação. Considerou-se importante que os profissionais de turismo devam informar e se aprofundar nas questões que envolvam a saúde dos turistas, e que a inserção de novos temas de pesquisa podem contribuir com uma constante formação interdisciplinar do aluno, sendo importante que a academia discuta e promova um posicionamento crítico, uma vez que estes serão os futuros gestores do setor.

Palavras-chave: turismo; saúde do turista; risco; saúde.

¹ Trabalho apresentado ao “GT 03 - Turismo na AL: pesquisa na formação e atuação do turismólogo gestor, pesquisador e formador” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

² Docente do Curso de Turismo da UFF. Doutoranda em Saúde Pública e Meio Ambiente – ENSP/FIOCRUZ – RJ. Mestre em Hospitalidade – UAM–SP. Bacharel em Turismo – UNIP–SP. E-mail: vanina.matos@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: catia@vm.uff.br

⁴ Graduando do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: diogo_js@yahoo.com.br

⁵ Graduando do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: filipe.elay@gmail.com

⁶ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: gabriela.brandao@yahoo.com.br

⁷ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: kellybsbfaria@hotmail.com

⁸ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: lucianabolzan@yahoo.com.br

⁹ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: nathunstock@yahoo.com.br

¹⁰ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: natypjr@hotmail.com

¹¹ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo – UFF. E-mail: nessagomes_tur@yahoo.com.br

Introdução

A globalização caracterizada principalmente com a utilização das novas tecnologias de informação revolucionou a comunicação mundial despertando interesse de viagens por motivações comerciais, políticas e sociais, gerando maior deslocamento de pessoas e conseqüentemente o crescimento do turismo. Esse crescimento tem sido notado por diversos fatores tais como: a facilidade e agilidade proporcionada pelos meios de transporte, a oferta de financiamentos e parcelamentos para compra de pacotes turísticos e os avanços ocorridos na área de tecnologia da informação que possibilita o conhecimento do destino antes da escolha da viagem despertando, assim, o interesse e a curiosidade em visitar novos lugares.

A atividade turística é observada por meio de perspectivas sociais, ambientais e culturais, sendo que alguns estudos consideram os impactos do turismo sob diferentes aspectos como a abordagem de políticas públicas em turismo proposta por Cruz (2002), a globalização e tendências do turismo apontadas por Beni (2003), estudos voltados para transportes turísticos (RONÀ, 2002; PALHARES, 2002), a visão epistemológica do turismo proposta por Moesch (2000), o planejamento sustentável do turismo (RUSCHMANN, 1997), dentre outros temas.

O currículo dos cursos de turismo no Brasil, tanto de bacharelado como de tecnologia, abrangem uma gama de disciplinas de diversas áreas para a formação do profissional em turismo que poderá seguir como pesquisador ou profissional do mercado de trabalho em turismo na especialidade de maior afinidade. No entanto, a abordagem sobre a saúde dos turistas não é contemplada até então como disciplina nas grades curriculares na área de turismo.

A experiência na Universidade Federal Fluminense em Niterói, Rio de Janeiro, é caracterizada como pioneira no país em inserir dentro da disciplina de Tópicos Especiais em Turismo, a abordagem do tema sobre a saúde dos turistas. Alunos de graduação em turismo estão conhecendo estudos e definições em saúde para pensar futuras pesquisas, ensino e atuação profissional que unem duas áreas: turismo e saúde.

O primeiro passo foi à apresentação do desafio para as duas turmas da disciplina de aproximadamente 50 alunos no total. Teriam que identificar com o olhar de estudante, pesquisador, profissional e turista (que são ou já foram), o olhar do turismólogo em relação aos riscos que podem afetar um turista. Para tanto, fotografaram pontos turísticos do Rio de Janeiro, Niterói e interior, por onde estiveram nos últimos meses desse ano de 2008, e

identificaram nessas imagens de própria autoria quais seriam os riscos à saúde do turista que visita esse local escolhido na foto.

Ainda não está definido no âmbito acadêmico o que é importante estudar sobre a saúde e o turismo, ou até mesmo, se é importante que o turismo volte suas pesquisas e ensino para a saúde. Constantemente a questão sobre “saúde do viajante” e “saúde do turista” é levantada. O que cabe ao turismo pesquisar é a saúde do turista. Que problemas poderiam afetar a saúde daqueles que viajam pela motivação de realizar turismo, e aí se trata daquele que viaja por motivo de lazer. No entanto, por divisão de categorias, existem os viajantes que podem ser imigrantes, migrantes, visitantes, excursionistas, trabalhadores em viagem, ciganos, voluntários do exército, simplesmente uma infinidade de categorias de viajantes, e finalmente o turista.

Existem diversas definições de tipologias de turismo como o cicloturismo, ecoturismo, turismo de negócios, turismo cultural, dentre muitas outras, mas nesse trabalho foi assumido que o turista de lazer é aquele que está mais diretamente exposto aos riscos que podem acometer a sua saúde durante uma viagem. Pressupõe-se então que ao viajar o turista de lazer apresenta maior disponibilidade e aceitabilidade ao desconhecido, à curiosidade e ao novo e assim pode estar exposto a diversos problemas de saúde.

O objetivo desse trabalho foi verificar como o aluno de turismo identifica os riscos à saúde dos turistas e suas conclusões sobre o que poderia ser feito para mudar as realidades encontradas e amenizar esses riscos.

Saúde, Risco e a Medicina do Viajante

Estar ou manter-se com saúde tem sido um conceito cada vez mais difundido na sociedade atual que busca a melhoria da qualidade de vida do ser humano e o padrão ideal para uma vida saudável. A Organização Mundial da Saúde define saúde como o “estado de completo bem-estar físico, mental, social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade”.

Viajar implica em deslocar-se do seu local habitual de vida, sair do ambiente onde se reside e já se está acostumado à rotina do dia-a-dia, e se expor a algum risco relacionado à saúde, à violência, a acidentes, à transmissão de doenças infecciosas e às condições do meio ambiente do destino visitado. Muitos riscos poderiam ser minimizados com precauções

adequadas tomadas antes, durante e depois da viagem como medidas para prevenir ou reduzir diversas conseqüências para a saúde do viajante.

Para avaliar esses riscos deve-se conhecer tanto as condições prévias de saúde do viajante como os detalhes do percurso que será realizado, incluindo o itinerário mais exato possível com a permanência prevista em cada lugar, o tipo de viagem, o nível das acomodações (hotel, albergue, camping) e as atividades que o turista irá realizar (exposição ao mar, rios, lagos, contato com animais ou atividades sexuais). A partir dessas informações Rayan & Kain (2000) dizem que se torna mais fácil identificar o maior ou menor risco de problemas de saúde durante a viagem.

De acordo com o Guia de Saúde do Viajante, organizado pela Petrobrás¹² para utilização de seus profissionais de saúde, os riscos em viagens dependem de fatores como, da característica de cada indivíduo (idade, sexo, antecedentes vacinais e de doenças, estado atual de saúde, utilização de medicamentos); da viagem (meio de transporte utilizado, época do ano, roteiro da viagem, duração, tipo de atividade, condições de alojamento); e do local de destino (tipo de clima, fuso horário, altitude, segurança, disponibilidade de assistência médica, prevalência de doenças infecciosas).

Estudos apontam principalmente os países em desenvolvimento como destinos de preocupação à saúde dos viajantes, são classificados como destinos de maior risco para viajantes, mas seria um equívoco presumir que em países desenvolvidos os riscos são inexistentes. Spira (2003) em seu artigo *Preparing the Traveller* apresenta alguns dados sobre riscos em viagens internacionais tanto durante ou após a viagem dizendo que “a cada 100 mil viajantes que se dirigem a países em desenvolvimento, 50 mil apresentam algum tipo de problema de saúde, 8 mil procuram por um médico, 5 mil necessitam de repouso, 1100 viajantes ficam incapacitados para o trabalho, 300 são hospitalizados e um morre”.

De acordo com Rocha e Martins (2005), especialistas em infectologia pela Sociedade Brasileira de Infectologia, a medicina do viajante, ou medicina de viagem existe há algumas décadas na Europa, América do Norte e na Austrália, conhecida pelo nome “*Travel Medicine*” especialidade que antes era tratada dentro dos serviços de infectologia e medicina tropical.

A *International Society of Travel Medicine* (ISTM) foi criada em 1990 com o intuito de promover e proteger a saúde dos viajantes fortalecendo a idéia de que a busca de informações sobre o local a ser visitado também é fundamental, sendo importante manter-se com saúde para que a viagem possa correr bem¹³. Uma de suas ações foi o desenvolvimento

¹² Guia de saúde do viajante: para profissionais de saúde da Petrobrás – ver referências bibliográficas.

¹³ *The responsible Traveler*. Dicas de cuidados de responsabilidade do viajante, segundo a ISTM.

de guias com práticas da medicina do viajante, para educar profissionais de saúde pública e a indústria do turismo. Depois da ISTM, foi criada a Sociedade Francesa de Medicina do Viajante e no Reino Unido a medicina de viagem foi adotada pelo *Department of Health*¹⁴ como nova estratégia de combate às doenças infecciosas (ROCHA; MARTINS, 2005).

No Brasil a medicina do viajante iniciou suas atividades em 1997 por iniciativa de professores do departamento de doenças infecto-parasitárias da Faculdade de Medicina da UFRJ, tendo sido criado o Centro de Informações em Saúde para Viajantes (CIVES). Em maio de 2000 foi criado o Núcleo de Medicina do Viajante dentro do Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIER) em São Paulo, composto de uma equipe de médicos infectologistas e sanitaristas visando orientar a população quanto à prevenção de doenças que podem ser adquiridas em viagens e informar sobre surtos e epidemias em diversas áreas. No mesmo período surgiu o serviço do Ambulatório dos Viajantes no Hospital das Clínicas da USP e na seqüência em 2001 realizou-se a primeira mesa redonda sobre o tema no Brasil durante o Congresso Brasileiro de Infectologia que aconteceu no Rio de Janeiro.

Metodologia

O curso de graduação em turismo da Universidade Federal Fluminense oferece em sua grade de ensino a disciplina de Tópicos Especiais em Turismo, de conteúdo livre ministrada de acordo com o interesse ou área de pesquisa cada docente que a assume no semestre.

Nesse primeiro semestre de 2008, os alunos matriculados, estudam o tema sobre a saúde dos turistas. Estão conhecendo estudos e definições em saúde para pensar futuras pesquisas, ensino e atuação profissional que unem duas áreas: turismo e saúde.

O primeiro passo para realização desse trabalho foi apresentar o desafio de buscarem identificar por meio de fotografia os riscos à saúde dos turistas em locais turísticos, não sendo necessário que realizassem uma viagem para essa tarefa, pois residem no município do Rio de Janeiro, Niterói e interior. Desta forma a foto deveria ser feita no entorno de onde trabalham, residem, transitam ou viajam de fim de semana.

Teriam que identificar com o olhar de estudante, pesquisador, profissional e turista (que são ou já foram), o olhar do turismólogo em relação aos riscos que podem afetar um turista. Para tanto, fotografaram pontos turísticos por onde estiveram nos últimos meses desse ano de 2008, especificamente nos meses de fevereiro, março e abril, e identificaram nessas

¹⁴ Ministério da Saúde do Reino Unido.

imagens de própria autoria quais seriam os riscos à saúde do turista que visita esse local escolhido. Descreveram os problemas de saúde e chegaram até mesmo propor algumas medidas de soluções, mudanças e alertas sobre a realidade encontrada e visualizada.

Após a apresentação em aula, foram convidados a expor seus trabalhos em conjunto com o docente da disciplina, e aqueles interessados, no total de nove alunos, organizaram seus “olhares” resultando no conteúdo desse artigo. A seguir são apresentados os riscos observados à saúde dos turistas por meio do olhar de futuros turismólogos gestores, pesquisadores e formadores.

Riscos observados



Figura 1: Raios solares, um inimigo invisível na Praia de Copacabana.- Rio de Janeiro/RJ
Fonte: Vanessa Gomes – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Essa foto caracteriza o excesso de exposição ao sol. Muitos turistas se expõem livremente aos raios solares, o que pode ser considerado um risco para saúde, principalmente para turistas europeus e norte-americanos que costumam ter a pele muito clara e com pouca proteção natural.

É uma imagem comum visualizar turistas com a pele extremamente vermelha caracterizando-se queimadura de 1º e 2º grau. Por desconhecimento ou pura falta de consciência, muitos não fazem o uso correto do protetor solar, além de se exporem em excesso aos raios solares. Sabe-se que essas atitudes inadequadas podem provocar além de queimaduras, câncer de pele, envelhecimento prematuro, desidratação, alergias, alterações no sistema imunológico e ainda danos aos olhos.



Figura 2: Depósito de entulho na Praia de Copacabana - Rio de Janeiro/RJ
Fonte: Filipe Eloy – Graduando em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Esta foto foi tirada em pleno verão carioca na orla de uma das praias mais famosas do planeta, Copacabana. Um depósito de entulho foi colocado a poucos metros da praia, ao ar livre sem a menor proteção. Moradores de rua acabam utilizando estes compartimentos como grandes latas de lixo, agravando a situação.

Turistas de todo o mundo se deparam com esta imagem todos os dias, bem como moradores e pessoas que trabalham nos arredores. Estes depósitos de entulho estão espalhados por todo o bairro. É notória a perda da beleza estética desta paisagem carioca. Mas, além disso, e muito mais preocupante, é o grande perigo que este acúmulo de lixo e entulho pode causar a saúde das pessoas que passam por ali.

O lixo, o acúmulo de água da chuva, e o surgimento de ratos e mosquitos comprometem a saúde dos visitantes da cidade. Doenças como a dengue se prolifera por causa de descuidos como este.



Figura 3: Língua negra na Praia do Leme - Rio de Janeiro/RJ
Fonte: Gabriela Brandão – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Esta foto apresenta um problema comum nas praias do Rio de Janeiro. No caso do Leme, a língua negra situa-se perto de ambientes freqüentados tanto por turistas como por moradores. De um lado da língua existe uma “pequena academia”, geralmente utilizada pelos moradores, e do outro existe um campinho de futebol.

A língua negra produz mau cheiro, polui a praia, atrai mosquitos e denigra o visual da praia.



Figura 4: Língua negra e ausência de sinalização de perigo observada em uma praia de Ibicuí – Mangaratiba/RJ

Fonte: Cátia Santos – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

A água que desemboca nesta praia provém de uma das muitas nascentes da região. Com o aumento do número de casas de veraneio ocorre o despejo de esgoto e lixo nos canais por onde esta água passa, transformando-a em língua negra.

Esse esgoto despejado no mar é uma grande ameaça aos banhistas e pescadores, pois podem ser encontrados bactérias, vírus, vermes e fungos que provocam doenças intestinais, estomacais, de pele como micoses, conjuntivite e verminoses entre outros problemas.

A seta ao fundo aponta para duas pilastras que eram continuação deste antigo cais. Ao fundo existem blocos de concreto que caíram por falta de manutenção e podem ser vistas somente quando a maré está baixa. Na área não existe nenhuma sinalização alertando para

esse problema, o que é um risco para o turista já que muitos encontram nesta ponte um bom lugar para mergulhar sem saber o perigo que correm.



Figura 5: Vendedor de sanduíches na praia de Botafogo – Rio de Janeiro/RJ
Fonte: Diogo Jorge – Graduando em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Esta foto, tirada na Praia de Botafogo, cartão-postal do Rio de Janeiro, apresenta uma situação comum na cidade. Vendedores ambulantes encontram-se em vários locais turísticos, como o da foto, vendendo vários tipos de sanduíches.

A falta de asseio na preparação de lanches ao ar livre é bastante corriqueira e pode afetar diretamente a saúde dos que consomem esse tipo de alimento. A manipulação inadequada e a contaminação de alimentos perecíveis como carnes, salsichas, molhos e ovos podem acarretar ao consumidor reações diversas, como enjôos, azias e diarreias, e até intoxicações alimentares mais graves.



Figura 6: Alimentos vendidos na praia podem causar intoxicação alimentar – Praia de Itaipu – Niterói/RJ

Fonte: Natalia Hunstock – Graduada em Turismo / UFF

A foto acima mostra uma das inúmeras tentações que são vendidas nas areias das praias cariocas. Alimentos como: queijo coalho, sanduíches, salgadinhos, pastéis, empadas, salada de frutas e camarões, são quase uma tradição nas praias lotadas durante o verão. Mas esses alimentos requerem cuidados, que quase sempre não são seguidos pelos vendedores, o que os torna inadequados para a venda.

A alta temperatura, que na praia costuma ultrapassar os 30°, e a umidade favorecem a proliferação de bactérias e vírus. Por isso não é aconselhável consumir alimentos de origem desconhecida e os quais não sabemos a forma de preparo. Segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), os cuidados com os alimentos começam na seleção feita nos supermercados até a forma como eles são servidos. Por isso, os alimentos devem estar armazenados na temperatura adequada, e preparados na hora.

A ingestão de alimentos estragados podem levar o indivíduo à desidratação, crises de hipoglicemia e intoxicação alimentar que provoca sintomas de diarreia, náusea, vômito, dores no estômago e até febre.

As ostras e os camarões crus ou levemente cozidos podem transmitir doenças como a salmonelose. A infecção pela bactéria *Salmonella enteritidis*, costuma causar febre e sintomas mais agudos de vômito e diarreia. Para os grupos de maior risco, como crianças pequenas, idosos, gestantes, pessoas com doenças crônicas ou deficiências imunológicas, o perigo é que a infecção se propague pela corrente sanguínea.

Para evitar ficar doente nas férias ou perder alguns dias de lazer em uma viagem, as pessoas e os viajantes devem observar à higiene dos vendedores ambulantes e dos recipientes em que estão sendo servidos os alimentos.



Figura 7: Animais de estimação podem provocar doenças – Praia de Itacoatiara – Niterói/RJ
Fonte: Natalia Hunstock – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Esta foto foi tirada na Praia de Itacoatiara, um local muito conhecido na cidade de Niterói que recebe turistas de diversas lugares devido aos campeonatos de surf e também por sua paisagem exuberante.

A imagem mostra um casal cometendo um ato ilícito. “Nas praias é proibido o trânsito, a permanência ou banho de qualquer espécie animal, ainda que acompanhado de seu dono;” é o que diz a lei municipal de Niterói nº 140/78 no capítulo I do uso adequado das praias, art .54, inciso I.

O cão pode transmitir mais de 300 tipos de doenças, entre elas estão: a raiva, que é provocada por um vírus que ataca o cérebro e os nervos, brucelose (pelo contato com secreções), leptospirose (pela urina), toxoplasmose (pelas fezes), e as de pele como a sarna e o famoso bicho geográfico, uma verminose causada por larvas *Ancylostoma caninum*, que provocam erosões e pequenas elevações na pele. Geralmente esta doença é adquirida pelo contato com a areia ou terra contaminadas com as fezes de cães e gatos.

Além das Zoonoses (doenças transmitidas aos homens pelos animais) podem acontecer acidentes, cães atacarem alguém, podendo ferir e causar incômodos aos frequentadores da praia.

Atitudes aparentemente inofensivas, como levar o animal para um banho de mar ou brincar na areia, podem colocar a saúde das pessoas em risco, o que inclui os turistas e os visitantes.



Figura 8: Praia Poluída – Icaraí – Niterói/RJ

Fonte: Luciana Bolzan – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Município: Niterói Data: 19/03/2008		Recomendada ●
Praia:	Balneabilidade:	Banho de mar com restrições ●
Icaraí	●	Não recomendada ●
	Observações:	

Figura 9: Balneabilidade da Praia de Icaraí em 19/03/2008

Fonte: Feema/RJ

A foto acima é da praia de Icaraí no dia 26/03/2008. Nesta foto observa-se a incoerência das informações disponibilizadas aos banhistas. A placa na praia dispõe a informação de praia recomendada ao banho. Porém o que se vê é uma praia com areia suja. A sujeira vem da água para a areia. A sujeira é proveniente do esgoto despejado no mar. No site da Feema/RJ está disponível a informação sobre a balneabilidade da praia. De acordo com a pesquisa da água que foi coletada no dia 19/03/2008 a praia não estava recomendada ao banho.

As prováveis doenças que podem ser causadas pelo contato com praias poluídas são: Gastrenterite, Irritações e infecções, Cólera, Disenteria, Esquistossomose, Hepatite A, Febre tifóide.



Figura 10: Lixo que traz bicho – Arraial do Cabo/RJ
Fonte: Kelly Faria – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

A praia é um dos principais turísticos do Estado do Rio de Janeiro, atraindo, todos os anos, milhares de turistas. Essa foto foi tirada na Praia Grande, em Arraial do Cabo – RJ, um dos principais centros receptores de turistas na Costa do Sol.

O lixo, além de depreciar a beleza estética da praia, contribui para o surgimento e proliferação de bichos, especialmente abelhas e outros tipos de insetos. O contato com essa sujeira na areia também pode provocar doenças de pele nos visitantes, como micoses e alergias. Tal fato é um risco tanto a saúde dos turistas como da população local.

É notável a falta de conscientização das pessoas acerca dos seus deveres para com o meio ambiente, assim como a ausência de políticas públicas e outras ferramentas de educação ambiental.



Figura 11: Risco e descaso em obra na Fortaleza de Santa Cruz – Niterói/RJ
Fonte: Natália Pacheco – Graduada em Turismo / UFF (Arquivo pessoal)

Expor-se a situações de acidentes é uma das possibilidades de risco para os turistas. Diversos são os modos pelos quais essas exposições podem ocorrer, dentre elas a de uma obra em andamento, em locais de visitação, sem a adoção das medidas de segurana devidas.

O registro fotográfico em questão revela uma falta de coordenao de atividades entre o ponto turístico Fortaleza de Santa Cruz, Niterói/RJ e o poder público, os quais parecem se ausentar de qualquer responsabilidade em relao   preservao da saúde do turista. Isso porque a falta de isolamento adequado do local em construo, a presena de materiais e ferramentas espalhados pela área reservada ao estacionamento entre outras irregularidades, poderiam ser vetores de transtornos aos visitantes como cortes, toroes, lesões, contusões, e até mesmo provocarem tétano devido à ferrugem contida nos mesmos.

Por causa da obra, os turistas precisam passar por dentro da construo para chegar ao único banheiro disponível no local. O próprio guia, em frente na foto, acaba conduzindo os turistas e levanta a faixa de isolamento por falta de opo por outra passagem.

Consideraoes Finais

Considerou-se importante que os profissionais de turismo deveriam informar e se aprofundar nas questões que envolvem a saúde dos turistas para tomar as medidas cabíveis de preveno e ter conhecimentos para ajudar ou dar informaoes a eles.

  necessária a integrao entre os setores de turismo, saúde, meio ambiente e limpeza urbana, dentre outros, para que os problemas apontados sejam resolvidos e os pontos turísticos fiscalizados e limpos, livres de lixo, entulho e esgoto, que além de comprometerem a paisagem da cidade, podem causar doenas.

A fiscalizao também deve atuar nos servios de alimentao. São vários os quiosques e ambulantes que se localizam na orla das praias ou que circulam por elas. A higiene é fundamental para a saúde do turista.

A revisão das grades curriculares e a insero de novos temas de pesquisa podem contribuir com uma constante formao interdisciplinar do aluno e futuro profissional em turismo. Portanto é de suma importância que a academia discuta e promova um posicionamento crítico aos profissionais de turismo que estão em processo de formao, uma vez que estes serão os futuros gestores do setor.

Referência Bibliográfica

- BENI, Mário Carlos. Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira. São Paulo: Aleph, 2003.
- CRUZ, Rita de Cássia A. Política de turismo e território. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOESCH, Marutschka. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2000.
- PALHARES, Guilherme Lohmann. Transportes turísticos. São Paulo: Aleph, 2002.
- PETROBRAS. Guia de saúde do viajante: para profissionais de saúde da Petrobras. Rio de Janeiro: Petrobras/SMS/Gerência Executiva, 2004.
- ROCHA, Jaime Luís Lopes; MARTINS, Luzilma Terezinha Flenik. Medicina do viajante: uma nova área de atuação para o especialista em infectologia. *Prática Hospitalar*. São Paulo, a. 7, n. 38, p. 121-124, mar.-abr. 2005.
- RONÁ, Ronaldo Di. Transportes no turismo. São Paulo: Manole, 2002.
- RUSCHMANN, Doris. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.
- RYAN, Edward T; KAIN, Kevin C. Health advice and immunizations for travellers. *The New England Journal of Medicine*. Massachusetts Society. vol. 342, n. 23, jun. 2000.
- SPIRA, Alan M. Preparing the traveller. *The Lancet*. vol. 361;1368-81, april 19, 2003. Disponível em: www.thelancet.com.
- ANVISA – AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Declaração de saúde do viajante. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br>>. Acessado em 22/03/08.
- CDC – CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Travel information. <<http://www.cdc.gov>>. Acessado em 28/02/08.
- CIVES – CENTRO DE ATENDIMENTO AO VIAJANTE – UFRJ. Disponível em: <<http://www.cives.ufrj.br>>. Acessado em 24/03/08
- IIER - INSTITUTO DE INFECTOLOGIA EMÍLIO RIBAS. Núcleo de medicina do viajante. Disponível em: <<http://www.emilioribas.sp.gov.br/historicodonmv.htm>>. Acessado em 21/03/08.
- ISTM - INTERNACIONAL SOCIETY OF TRAVEL MEDICINE. Disponível em: <www.istm.org>. Acessado em 24/03/08.
- _____. The responsible traveller. Disponível em: <www.istm.org>. Acessado em 05/01/08.
- VERDI SAÚDE. Medicina do viajante. Disponível em: <<http://www.medicinadoviajante.com.br>>. Acessado em 24/03/08.
- WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. International travel health 2005. Disponível em: <www.who.int/ith/>. Acessado em 28/02/08.